



Desenvolvimento Rural: Um Estudo de Caso Sobre a Família Araújo no Assentamento Araras IV em Araras/SP

Rural Development: A Case Study on the Araújo Family in the Araras IV Settlement in Araras/SP

COSTA JUNIOR, Juscelino Martins¹; SILVA, Aline Grigório¹; PEREIRA, Arildo¹; DE PAULA, Rafael Pereira¹; LOBO, Jackson Teixeira².

¹Universidade Federal de São Carlos, juscelinojunior@hotmail.com; line09gregorio@gmail.com; arildogp@gmail.com; rppagronomia@gmail.com; ²Universidade Federal da Paraíba, Jackson_lob@hotmail.com.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre as atividades agrícolas e artesanais desenvolvidas pela família Araújo, residente no Assentamento Rural Araras IV, município de Araras, estado de São Paulo, Brasil; buscando evidenciar a importância que estas atividades têm no contexto local, socioeconômico e ambiental. A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi a técnica snowball ("Bola de Neve") abordagem qualitativa. Foi realizada a caracterização da família e dos seus processos produtivos agrícolas. A família Araújo relatou não dispor de recursos financeiros que lhes permitam adotar técnicas modernas de produção para obtenção de produtos com melhor qualidade exigidos pelo mercado consumidor, sendo esse um dos fatores limitantes na comercialização da produção. O artesanato desenvolvido pela família Araújo é uma ferramenta que contribui para a fixação da família no campo e a preservação de saberes e tradições ligadas ao artesanato rural na comunidade, resultando na possibilidade de se reinventar dentro da sua realidade socioeconômica, reutilizando objetos e utensílios de baixo valor. Concluímos que o artesanato se apresenta como um meio para complementar a renda da família Araújo no Assentamento Rural Araras IV em Araras/SP, possibilitando sua melhoria socioeconômica.

Palavras-chave: Agricultura familiar, Artesanato, Sustentabilidade.

Abstract: The present work has the objective of discussing the agricultural and artisanal activities developed by the Araújo family, living in the Araras IV Rural Settlement, in the municipality of Araras, state of São Paulo, Brazil; seeking to highlight the importance that these activities exert in the local, socioeconomic and environmental context. The methodology used to carry out the research was the snowball technique ("Ball of Snow") qualitative approach. The family and its agricultural production processes were characterized. The Araújo family reported not having the financial resources to adopt modern production techniques to obtain better quality products demanded by the consumer market, which is one of the limiting factors in the commercialization of production. The handicraft developed by the Araújo family is a tool that contributes to the establishment of the family in the countryside and the preservation of knowledge and traditions related to rural handicrafts in the community, resulting in the possibility of reinventing themselves within their socioeconomic reality, reusing objects and utensils from below value. We conclude that handicrafts are presented as a means to complement the income of the Araújo family in the Araras IV Rural Settlement in Araras/SP, making possible their socioeconomic improvement.



Keywords: Family farming, Handicrafts, Sustainability.

Introdução

Agricultura familiar pode ser definida como uma forma de diversificação da produção agrícola, a qual vem se desenvolvendo em todas as partes do mundo e tem como característica a predominância de mão-de-obra e gerenciamento por membros familiares (TOMASETTO, 2009). A importância da agricultura familiar se evidencia pela sua contribuição na produção nacional, segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2006) produtores familiares respondem por 87% da produção de mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 30% do trigo, 58% do leite, 59% dos suínos, 50% das aves e 30% dos bovinos.

Conforme Guanziroli (2001) em países com altos índices de desenvolvimento, como o Japão e Estados Unidos, há intenso apoio à agricultura familiar. Weid (2010) aponta que, referente ao Brasil, nos últimos anos, houve um crescimento do investimento, por parte do Governo, na agricultura familiar, expresso através de políticas voltadas para extensão rural e assistência técnica. Ainda que se reconheça a importância da Agricultura Familiar em suas múltiplas faces: social, ambiental, cultural e econômica; são diversas as dificuldades vivenciadas pelos produtores, como a falta de canais de comercialização e tecnologias para produção, que dificultam o desenvolvimento da atividade rural familiar (BUAINAIN, 2003).

As feiras livres desempenham um importante papel na construção e fortalecimento econômico e social da agricultura familiar, sob o ponto de vista do feirante, representando também um espaço público, socioeconômico e cultural, dinâmico e diversificado sob o olhar do consumidor (GODOY; ANJOS, 2007). É sabido que as feiras se tornaram espaços onde os agricultores feirantes compartilham as experiências e saberes sobre seus produtos e técnicas de produção, já para os consumidores, a feira é um espaço onde há a oportunidade de conhecer a origem e a história do produto que leva pra sua casa, o diálogo com o produtor possibilita aos consumidores o aprendizado sobre os múltiplos usos dos produtos alimentícios.

Os assentados da reforma agrária muitas vezes conseguem uma melhor comercialização através das feiras livres que atraem maior público. Sabe-se que existe no Brasil uma desigualdade agrária, assim como existem também equívocos quando se discute esse assunto, que está distante de chegar a uma solução definitiva; a divisão de terras no Brasil é um problema de ordem social e não apenas de estrutura, abrangendo situações de injustiça social, pobreza e ordem econômica. A definição do termo Reforma Agrária utilizada por MARTINS (1999), explica o que de fato abrange o processo de reforma agrária. Destacando que:

“Reforma agrária é todo ato tendente a desconcentrar a propriedade da terra quando esta representa ou cria um impasse histórico ao desenvolvimento social baseado nos interesses pactuados da sociedade. Pacto que só se



torna eficaz através da mediação dos partidos políticos e no âmbito do possível. Isto é, no âmbito das concessões que as forças em confronto possam fazer para viabilizar uma transformação institucional e social necessária e inadiável em favor do bem comum. E não em favor dos interesses particularistas de uma classe, ou fração de classe, ainda que beneficiando-a de algum modo, seja ela de pobres ou de ricos.” (Martins 1999, p 107).

A reforma agrária no Brasil é um assunto histórico que enfrenta uma permutação de interesses contraditórios, por um lado existem grupos que contestam seu direito a terra e que possuem vivência no campo, e do outras pessoas sem vínculo ou vivência com a terra, mas que defendem o estado e uma classe elitizada.

Os assentamentos rurais vêm sendo apontados como uma forma eficaz de retorno às atividades rurais das pessoas que migraram para as cidades devido ao processo da modernização da agricultura brasileira. Estudos sobre essa temática comprovam a viabilidade dos assentamentos rurais, no sentido da geração de empregos diretos e indiretos e do estabelecimento de um modelo de desenvolvimento agrícola em bases sociais mais equitativas, mostrando a melhoria de vida das famílias assentadas e o aumento de renda familiar (FAO, 1992; BERGAMASCO; NORDER, 1996).

Os assentamentos rurais costumam ser unidades produtivas que diversificam sua produção, não apenas com hortifrúteis, mas também recorrendo às atividades paralelas como a prática do artesanato. De acordo com Sandroni (1999), o artesanato pode ser caracterizado como uma atividade produtiva, ligada à agricultura familiar ou não, realizada individualmente ou em pequenos grupos de pessoas em que o trabalhador é o dono dos meios de produção que utiliza e do próprio produto produzido. No ambiente familiar rural constitui uma importante fonte de renda e por ser comumente realizado pelas mulheres contribui na valorização do seu papel na sociedade.

Diante da temática exposta, o trabalho tem como objetivo discorrer sobre as atividades produtivas agrícolas e artesanais desenvolvidas pela família Araújo, situada no Assentamento Araras IV, visando evidenciar a importância que estas atividades têm no contexto local, socioeconômico e ambiental.

Metodologia

O processo investigativo foi de natureza qualitativa por atuar em ações humanas portadoras de significados, valores, crenças, opiniões e representações. Segundo Minayo (1998), a pesquisa qualitativa estabelece uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de forma que a subjetividade não possa ser traduzida em números.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1998, p. 21-22).



A metodologia utilizada para o acesso à família rural foi a técnica snowball, também divulgada como snowball sampling (“Bola de Neve”). Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística muito utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais vão indicando novos indivíduos que podem responder as perguntas propostas no estudo e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto na pesquisa.

Segundo Bernard (2005), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas, ou quando não há precisão sobre sua dimensão. Nesse caso, a escolha do método se deu pelo fato dos pesquisadores serem de outra localidade, sendo necessário indicações de outros indivíduos do meio acadêmico e da comunidade local para que conseguissem chegar aos indivíduos entrevistados para a realização do trabalho proposto.

Para Sanchez e Nappo (2002), a escolha de sujeitos por meio da Bola de Neve acontece a partir dos “informantes chaves”, o que permite aos pesquisadores aproximarem-se da população investigada, além de fornecer subsídios para a elaboração dos instrumentos de pesquisa que futuramente possam ser incorporados à investigação, como questionários, por exemplo.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, sobre o cotidiano da família assentada e seu perfil socioambiental, segurança alimentar, produção de alimentos e comercialização dos produtos.

Caracterização da área de estudo

O presente trabalho foi realizado no Assentamento Rural Araras IV, localizado no município de Araras no estado de São Paulo (22°21'27” S e 47°23'05” W). O município possui 643 km² e uma população de 104.196 habitantes, dos quais 97.860 residem na zona urbana e 6.336 na zona rural (IBGE, PNAD 2000). O assentamento rural está situado em área estadual, sob jurisdição da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva” (ITESP). O Assentamento rural Araras IV teve seu projeto iniciado em julho de 2004, conta com uma área de 40,18 hectares que foram parcelados em 30 lotes.

As áreas destinadas aos quatro Projetos de Assentamentos de Araras faziam parte do Horto Florestal de Loreto, que pertencia à Ferrovia Paulista S/A (FEPASA). Em 1983, um grupo de famílias que havia ocupado a Usina Tamoios, em Araraquara, realizou outra ocupação, agora no referido horto. Os agricultores foram despejados, porém, iniciou-se um período de negociação com o governo estadual, resultando na assinatura de um Protocolo de Intenções entre a FEPASA e a Secretaria de Agricultura e Abastecimento, que previa a implantação de projeto de assentamento rural em duas áreas de hortos: Sumaré e Loreto. As famílias foram cadastradas com o apoio do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Araras e da Federação dos



Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo (FETAESP), sendo os interessados, em geral, eram grupos já organizados previamente.

O surgimento do Assentamento Araras IV se deu em um contexto diferente, a área onde hoje se encontra o assentamento foi ocupada por um grupo de famílias, que pleiteou junto à Prefeitura Municipal o parcelamento da área para a realização do loteamento urbano. Mas, sendo esta área de propriedade da Fundação ITESP, iniciaram tratativas para discussão de um Projeto de Assentamento diferenciado, culminando com a criação do assentamento em maio de 2005 (ROBERTO, 2009).

Resultados e discussões

A família Araújo é composta por oito pessoas, sendo que dessas oito pessoas, apenas quatro residem no estado de São Paulo e destas quatro, apenas três trabalham e residem no lote destinado a família no assentamento Araras VI, os demais membros da família, segundo os entrevistados não tem aptidão para trabalhar na terra, por achar a atividade “trabalhosa e pouco rentável”. Essa questão está inteiramente relacionada ao processo de migração entre os meios rural e urbano, fenômeno de ocorrência maior com jovens, a juventude dos assentamentos sempre foi muito carente de estrutura, seja ela educacional, social e econômica, eles assumem responsabilidades dos adultos muito cedo, devido às necessidades de cuidar da lavoura e garantir segurança econômica para toda a família.

Toda mão de obra utilizada na produção do lote é de origem familiar, a família residente no lote é constituída por dois homens e uma mulher. Ao analisarmos as relações sociais de trabalho que predominam na família Araújo, o número de pessoas que atuam, de acordo com os tipos de ocupação da mão de obra, percebeu que as três pessoas dedicam-se integralmente às atividades agrícolas no interior da unidade produtiva. Das três pessoas, duas trabalham fora da propriedade às sextas-feiras nas feiras livres locais, conhecidas popularmente como Feiras da Agricultura Familiar, para comercializar os produtos da lavoura, sendo a única ocupação não agrícola fora da unidade familiar. A mulher ainda concilia suas atividades com o trabalho doméstico familiar.

A família não dispõe de recursos financeiros que lhes permitam adotar tecnologias modernas de produção demandadas pelo mercado, encontrando dificuldades na comercialização da produção. As atividades agrícolas exigem tempo de dedicação de todos da família, especialmente por que todas as atividades são realizadas com práticas tradicionais, utilizando sempre a força manual. A família ainda é descapitalizada e não possui condições para investir na compra de equipamentos para aumentar a sua produção e tornar seu trabalho mais produtivo quanto as condições de campo.



Muitos agricultores familiares acabam contratando mão-de-obra externa para trabalhar na propriedade para poder executar as tarefas relacionadas a produção, elevando o custo da produção e reduzindo a rentabilidade. No caso da família Araújo essa prática é inviável por que o lote é de apenas um hectare o que limita a produção, sendo que a família ainda não consegue ter excedente nas finanças para fazer investimentos.

Entre as atividades desenvolvidas pela família, está o artesanato, com a produção de vasos decorativos, bandejas, tapetes e acessórios de casa, que são produzidos a partir de materiais que seriam descartados, como lacres de lata de refrigerante, caixas de isopor, embalagens de creme capilar e fibra de bananeira. O trabalho artesanal nos remete a uma perspectiva de desenvolvimento sustentável a nível local, sendo também uma alternativa na perspectiva de aumento da renda familiar e de ocupação de sua mão de obra, visando sua reprodução social. O artesanato desenvolvido pela agricultura familiar é uma ferramenta para algumas pessoas se manterem no campo e preservarem técnicas desenvolvidas dentro de comunidades que veem no artesanato a possibilidade de se reinventar dentro da sua realidade socioeconômica, reutilizando objetos e utensílios que para a sociedade não teria mais valor de uso.

A artesã da família diz se alimentar de esperanças para superar as dificuldades do mercado, especialmente na valorização dos produtos. Transformar os esforços em resultados onde se consiga obter renda para assegurar a capacidade de modernização dos processos e a melhoria da qualidade de vida.

“A gente percebe que ainda falta muito para as pessoas valorizarem o tempo que a gente dedica fazendo artesanato sustentável, tem gente que vê só o que a gente aproveitou do lixo, não entende que foi reaproveitado e que passou a ser um produto com valor, que eu posso vender”.

A família fala da importância de estar unida no desenvolvimento das atividades, durante o processo de produção das peças de artesanato a mão de obra é da esposa, essa fase de desenvolver as peças exige uma riqueza de detalhes para manusear os objetos, o marido dela fica responsável por buscar e higienizar as matérias primas que são todas recicladas, a família aproveita coisas que são doadas pelos amigos e vizinhos no processo produtivo dos artesanatos.

Segundo Brumer (1996), os principais fatores que afetam a inserção das mulheres rurais em atividades produtivas são: a relação entre o tipo de produção desenvolvida, a tecnologia utilizada, a forma de inserção no mercado dos produtores e a divisão de trabalho que se forma no interior dos estabelecimentos agrícolas.

O pai não participa dessa etapa onde são feitos os artesanatos, pois o mesmo fica responsável pela irrigação dos canteiros onde são cultivadas as hortícolas e por verificar a ocorrência de pragas; porém quando é dia do plantio das mudas e de colheita, todos participam, nesses dias a atividade é coletiva, além destas atividades a família realiza compostagem e comercializa a terra vegetal, a mulher é responsável por separar os restos vegetais orgânicos que vão pra compostagem e o marido



acompanha a temperatura e umidade da pilha, como o processo de compostagem é dividido em várias fases que podem durar até dois meses, os membros da família se revezam de acordo com a disponibilidade para acompanhar até a fase final, o produto gerado a partir desse processo de degradação recebe o nome de terra vegetal, que é um material estável rico em substâncias húmicas e nutrientes minerais, que pode ser utilizado pela própria família ou comercializado para fins agrícolas e de jardinagem.

A produção de mandioca, milho e feijão é feita em pequena escala devido ao tamanho do lote, por esse motivo a maior parte da produção é para o próprio consumo, a mandioca é o produto com maior excedente de produção, sendo comercializada. Apesar de todo esforço e dedicação para conseguir viver das atividades desenvolvidas no lote, a família ainda não consegue se manter apenas da renda da produção do lote, sendo a maior parte da renda familiar oriunda da aposentadoria de dois dos integrantes da família.

Para Schneider (1999, p. 133), os agricultores familiares, mesmo com todos os problemas que a agricultura tem de ordem conjuntural e estrutural, têm o maior interesse em continuar na unidade agrícola com seu grupo familiar, produzindo alimentos para o consumo. Segundo Maluf (2001, p. 147):

[...] segurança alimentar significa garantir, a todos, condições de acesso a alimentos básicos de qualidade em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades básicas, com base em práticas alimentares saudáveis, contribuindo, assim, para uma existência digna num contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana.

Porém, a líder da família relata que apesar da produção ser limitada a feira é um espaço de aprendizado onde a família tem a oportunidade de comercializar com preços justos seus produtos, tendo a oportunidade de aprender cada dia mais, dando destaque ao acompanhamento que é dado aos agricultores, os mesmos passaram por um processo de aprendizado ao longo de oito meses onde foram estimulados a interagir entre si e com os consumidores.

Conclusões

Apesar de todo esforço e dedicação para conseguir viver das atividades desenvolvidas no lote, a família ainda não consegue se manter apenas da renda da produção do lote. O artesanato se apresenta como um meio para complementar a renda da família Araújo no Assentamento Rural Araras IV em Araras/SP, possibilitando sua melhoria socioeconômica.

A comercialização dos produtos na feira livre vai além inserção da família em um canal de comercialização. A feira livre tem contribuído para o fortalecimento da unidade familiar, nos aspectos econômicos, socioculturais e ambientais. A feira é um espaço



para compartilhar saberes e experiências com outros agricultores, promovendo interação social com os consumidores.

Referências bibliográficas

BERGAMASCO, S.M.P.P.; NORDER, L.A.C. **Os impactos regionais dos assentamentos rurais em São Paulo (1996-1997)**. In: A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas / organizado por Medeiros, L.S. de & Leite, S. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BRUMER, A. Mulher e Desenvolvimento Rural. In: PRESVELOU, C.; ALMEIDA, F.R.; ALMEIDA, A.A.(Orgs.). **Mulher, família e desenvolvimento rural**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1996. p. 39 – 58.

BUAINAIN, A.M. **Agricultura familiar e o novo mundo rural**. Sociologias, Porto Alegre, v. 10, p. 312-347, 2003.

FAO. Principais Indicadores Sócio-Econômicos dos Assentamentos de Reforma Agrária. Brasília: Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, v. 1, 1992. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo**, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

GODOY, W.I; ANJOS, F. S.A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, 2007.

GUANZIROLI, C.E. **Agricultura Familiar e Reforma Agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo populacional**. 2006. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/832.pdf%3E>>. Acesso em: 11 Abr. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2000. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 Set. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Assentamentos estaduais administrados pelo ITESP**. São Paulo, 2008a. Disponível em: <www.incra.gov.br/>. Acesso em: 28 Dez. 2017.



MARTINS, J.S. Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível. Tempo Social; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, v. 11, n. 2, p. 97-128, 1999.

MALERBA, J. Interview. IHU Online. UCHOAS, L; **Está em jogo a reestruturação do mercado formal de terras no Brasil. Nov. 2017**: Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2017/11/01/esta-em-jogo-reestruturacao-do-mercado-formal-de-terras-no-brasil-entrevista-com-julianna>>. Acesso em: 03 Ago. 2018.

MALUF, R. S. Políticas agrícolas e de desenvolvimento rural e a segurança alimentar. In: LEITE, S. (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, p. 145-168, 2001.

MINAYO, M. C. S. Construção da identidade da antropologia na área da saúde: o caso brasileiro. In: Antropologia e saúde: traçando identidades e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: **Relume Dumará**, p. 21-22, 1998.

ROBERTO, M. J. L; **Levantamento de raízes e tubérculos nos assentamentos rurais, I, II, III, IV, no município de Araras SP**; Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências em Rio Claro. 2009.

SANCHEZ, Z. V. der M.; NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. In: **Revista Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 420-430, 2002.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 205p., 1999. (Série Estudos Rurais).

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. (1999) **Brava Gente** – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

TOMASETTO, M. Z. C.; LIMA, J. F.; SHIKIDA, P. F. A. Desenvolvimento local e agricultura familiar: o caso da produção de açúcar mascavo em Capanema - Paraná. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 10, n. 1, p. 21-30, 2009.

WEID, J. M. von der. Agricultura Familiar: sustentando o insustentável? Agriculturas: Experiência em Agroecologia. **Leisa Brasil**, v. 7, n. 2, p. 4-7, 2010.